

O ANEL



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

A madrinha tinha-lhe dado um anel. Não seria grande coisa, um enfeite apenas, mas a Lídia gostava muito do seu anelinho.

De uma vez que ela estava a fazer bolas de sabão, à beira de um lavadouro público, o anel escorregou-lhe do dedo e caiu à água. Há que dizer que o tanque era fundo.

Por perto, nenhuma pessoa crescida. Que fazer?

A Lídia experimentou com uma cana, mas como a água estava turva, não deu com o anel.

Então, e só então, a Lídia chorou.

Um senhor que ia a passar, viu-a nesta desolação e perguntou-lhe o que sucedera. Ela contou.

– Vamos lá ver se eu resolvo a situação – disse o senhor, tirando o casaco.

Arregaçou a manga da camisa e enfiou o braço na água. Tacteia aqui, tacteia ali, encontrou o anel.

– Cá está ele – exclamou, mostrando um rico anel de diamantes.

Mas a Lídia disse que não era aquele o anel que ela perdera. Quem lhe dera! O anel dela era pobre, com uma pedrinha verde, a fingir uma esmeralda.

– Será este? – perguntou o senhor, trazendo ao de cima um magnífico anel, com uma esmeralda autêntica.

Realmente, o que se perde a lavar a roupa... Aquele lavadouro público era uma joalharia.

Que não senhor, que aquele anel também não lhe pertencia, respondeu a Lídia, com olhos de inocente.

À terceira o senhor achou o anel da Lídia, que ficou muito feliz. Agradeceu e dali partiu, aos saltinhos.

Depois, foi contar à sua amiga Elisa o que se passara.

– E o senhor ainda ficou onde o deixaste? E os outros anéis? – perguntou a Elisa, com olhos de cobiça.

Nem esperou pela resposta. Foi a correr para o pé do lavadouro e pôs-se a chorar, numa grande gritaria.

O senhor, que devia ser mágico ou algo parecido, não tardou em aparecer.

Quando perguntou a razão da choradeira, a menina Elisa contou que tinha acabado de perder dois anéis, um de diamantes e outro de esmeraldas, dois anéis valorosíssimos que a madrinha, uma senhora riquíssima, lhe tinha dado pelos anos... Enquanto ouvia, o senhor fingia-se muito condoído.

Fez-lhe mais perguntas. Pediu mais pormenores e, no fim, disse:

– Estou tão interessado no que a menina me conta, porque soube, ainda agora, que esses anéis foram roubados. O melhor é irmos à esquadra da polícia, para que se esclareça bem tudo o que aconteceu. E, de caminho, passamos por casa da sua madrinha.

Qual caminho nem meio caminho! Ouvindo isto, a Elisa desatou a fugir, nem que viesse um esquadrão de polícias, a correr atrás dela.

O tal senhor, esse ria, ria a bom rir.

FIM